

Das aulas às telas: o sentido que deve permanecer na formação da fé em tempos de mudança

David Lima Diaz¹

Resumo: A escola, a catequese e a celebração litúrgica, foram, até no começo da pandemia, o espaço onde as crianças recebiam a formação da fé. Neste novo tempo diversas mudanças as crianças são um dos grupos dos mais afetados nesta situação. Para elas o seu mundo reduziu-se ao espaço de suas moradias e o contato com outras pessoas de sua idade reduziu-se ao escasso encontro que fornece a tela do computador ou do smartphone. Sem encontros, brincadeiras ou oficinas presenciais; sem esses abraços ou essa gritaria nas aulas, os professores de religião e os catequistas têm agora um enorme desafio. O objetivo desta comunicação é refletir sobre como acontece o fomento da experiência de Deus num tempo tão volátil. Como pode a Teologia Pastoral responder às necessidades das crianças no tempo atual? O método para tentar responder a essa inquietude compreende os três passos oferecidos na metodologia da teologia da libertação: a mediação socio-analítica, a mediação hermenêutica e a mediação prática. Como conclusão espera-se tentar responder sobre qual é o sentido atual e fundamental que deve permanecer nas aulas virtuais de religião e catequeses de modo que a fé das crianças possa ser fortalecida na busca de Deus.

Palavras-chave: Teologia pastoral. Espiritualidade. Pedagogia

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses o mundo inteiro tem vivido a maior pandemia em muitos anos. O ritmo acelerado da vida mudou em poucas horas e o medo atingiu governos e grandes e pequenas cidades. Hoje ainda se vivem incertezas diante de um futuro que se apresenta escuro e nada alentador. A tarefa dos professores de religião e dos catequistas é desafiante num mundo que vai mudando com tal velocidade que fica difícil se manter em dia com tantas mudanças. Em muitas localidades as aulas trocaram de cenário. O cotidiano já não é mais o cotidiano. As aulas das escolas permanecem vazias e sem crianças. Os quadros brancos foram abandonados e o ensinamento acontece nas telas de dispositivos eletrônicos.

O alvo desta comunicação é refletir no sentido que deve permanecer nos encontros dos professores de religião e dos catequistas com as crianças e jovens. O que é importante nesses encontros? O que deve fortalecer as pessoas que lideram esses processos de formação na fé? Não obstante o chamado de Deus, a vida não tem sido fácil para a humanidade nos últimos meses, especialmente por causa da dor, das incertezas, do sofrimento e da morte que batem às portas das nossas moradias. Como enxergar a realidade se as lágrimas inundam os olhos, como manter a fé com tanto azar acontecendo? Como continuar se a esperança parece ter sido perdida? Como abrir o coração se fora o mundo está cheio de tristeza e dor?

1 Mestre em Teologia. Gimnasio Femenino, Bogotá, Colômbia, profedavidlima@gmail.com

1 DA PRESENCIALIDADE À VIRTUALIDADE

Dar o passo da presencialidade à virtualidade não é fácil. A nova realidade trouxe uma série de perguntas e questões para professores e catequistas. Como fazer? Como continuar? Vai dar certo? Vou conseguir mesmo? O caminho é novo em tudo sentido. Ninguém experimentou ainda, ninguém imaginou. Seguindo a metodologia proposta pelos irmãos Boff (2001) vamos tentar nos aproximar, num primeiro momento, à hermenêutica socio-analítica com o desejo de conhecer a realidade de quem experimenta a mudança. Leonardo Boff e Clodovis Boff falam do mundo do oprimido. Se pensamos hoje, no meio da pandemia, o ser humano é o oprimido. Oprimido por causa do Covid, das doenças e da morte que afetam a vida cotidiana, da fome que se vive em muitas das nossas cidades, das decisões dos governos, das farmacêuticas, do sistema humano em geral.

A pandemia trouxe uma série de situações que o mundo inteiro nunca imaginou. Quem iria imaginar quantas mudanças traria um vírus no século XXI? Com certeza, a raça humana, com tanto desenvolvimento, com as mais modernas tecnologias, com os melhores medicamentos e com o avanço da ciência, pensar, por exemplo, no começo deste século, que uma pandemia afetaria à humanidade como hoje em dia está acontecendo. Uma pandemia desta magnitude só seria possível num filme de ciência-ficção. Hoje estamos vivendo esse filme e vemos como tanta coisa está mudando na vida cotidiana e que nos faz lembrar, como indica Torralba (1998), que o ser humano é um ser indigente, necessitado.

Realmente o mundo inteiro não consegue sair do assombro. Muitas pessoas nas nossas famílias falam como se a nossa nova realidade fosse um pesadelo e que amanhã vamos acordar e vamos continuar a vida como se nada tivesse acontecido. Porém a solução ainda não se vislumbra uma solução. Os números de infetados e de mortos aumentam cada dia. Aqui, na Colômbia, muitas lojas fecharam no último ano. As pessoas aqui não aguentam mais. As ruas que permaneciam lotadas dia e noite são agora desertos. Muitos locais estão disponíveis para serem alugados. Lojas tradicionais desapareceram, empregados despedidos, famílias sem esperança e o nosso governo propôs uma reforma tributária. Levamos meia semana de greve nacional e protestos e isso vai continuar... o povo está cansado e aborrecido dessa situação de injustiça social.

O mundo está vivendo uma crise por causa do Covid. O distanciamento social e o cuidado pessoal que exige a prevenção do coronavírus gerou mudanças de todo tipo: no jeito de trabalhar, de assistir às aulas, de pagar as contas, de se encontrar com a família, de celebrar a vida, de chorar os mortos. A Igreja não tem sido a exceção. Há dez anos ninguém imaginava assistir missa pelas redes sociais. A pastoral precisa ser reformulada para se adaptar aos novos tempos. Professores e catequistas temos um grande desafio: como provocar o carinho por Deus em tempos de crise, como fomentar a experiência de proximidade com o mais lindo de nossa vida?

Os encontros presenciais com crianças brincando nas salas de aula de escolas e paróquias, ou até mesmo num cantinho da igreja, o barulho dos meninos e meninas com suas

mochilas, seus cadernos coloridos e esses sorrisos que têm a todo momento são apenas fracas lembranças de um tempo muito bom. Para os professores e catequistas, que possivelmente voltaram nesses locais onde costumavam oferecer as aulas e as catequeses, com segurança, têm sentido como esses salões parecem tristes, sem vida, sem vozearia. Ninguém nega que a presencialidade têm muita coisa boa: o encontro pessoal, sair da casa, cumprimentar os outros; abraçar, brincar, cantar, falar, escutar são atividades que a gente precisa. Ô saudades!

As aulas de religião e as oficinas de catequese presencial são essa oportunidade para encontrar as crianças e suas famílias, de ver crescer os jovens, de dividir tardes inteiras, de conhecer Deus, da comunidade, de ler as realidades do povo, de refletir a Palavra, de rezar juntos, de pedir e agradecer, de falar da vida ou partilhar um pirulito com essas lindas crianças. Quem não sente saudades por voltar às aulas, lembrar dos espaços, de escrever nos cadernos novos e fazer desenhos, de se jogar no chão para fazer as atividades com as amizades, de sujar as roupas, de cantar, bater palmas e torcer pelos colegas ou dançar no rolezinho.

A vida mudou. De um dia para outro não houve mais escolas, nem catequeses, nem celebrações litúrgicas: aqui na Colômbia a proibição de sair fora foi imperativa. Os jovens estão estressados com essa nova realidade. O seu mundo reduziu-se ao pequeno espaço de suas casas. As partilhas acontecem pelas redes sociais. Quem não tinha smartphone, tablet ou computador precisou comprar: quem não comprou ficou excluído. Ninguém estava preparado, nem professores, nem catequistas, nem diretores, nem pais de família, nem estudantes. Para nós, professores e catequistas ainda é um desafio continuar a formação pela internet e não são poucas as perguntas que temos neste novo processo: como manter a qualidade da formação? Como manter ligadas as crianças nesta nova dinâmica? Como fomentar espaços de riqueza para as novas gerações?

2 MANTER O SENTIDO DA FÉ

A formação virtual oferece muitas vantagens nos tempos de pandemia: a segurança de famílias e crianças de ficar afastadas de pessoas infectadas. O medo da Covid ainda reina com a notícia de um vírus que se espalha e mata tão rápido. Fronteiras, aeroportos, comércios fechados. Tudo parado. Ficar em casa é a forma de fugir da dor que causa o encontro com os outros. Susan Sontag (1984) fala dos medos gerados pelas doenças a nível social. A tendência é rejeitar ou negar a presença da enfermidade. Doenças como a tuberculose, o HIV ou o ebola são exemplos de epidemias assustadoras para a população. O ser humano busca se proteger dos riscos que a doença produz. As aulas em casa protegem as crianças naquilo que aparenta ser um entorno saudável.

Somado ao medo do desconhecido, vêm perguntas existenciais: o que foi feito mal, o que deu errado, aparecem visões de tipo apocalíptico, do final dos tempos, literatura desesperançada encaminhada à ideia do mal comportamento humano, do castigo iminente pelas possíveis ações erradas do ser humano. As incertezas de ter um futuro tranquilo acrescentado com notícias de familiares, conhecidos doentes, que procuram uma vaga na UTI, que

falecem, que não têm a cerimônia de despedida, são uma série de sofrimentos que põem em dúvida a presença de Deus.

Seguindo o método da Teologia da Libertação, o segundo momento é a mediação hermenêutica. “A mediação hermenêutica olha para o lado do mundo de Deus. Procura ver qual é o plano divino em relação ao pobre.” (BOFF e BOFF, 2001, p. 44). Neste desejo de compreender a relação do homem com Deus vamos nos aproximar das Escrituras e tentar descobrir como Deus vai se revelando nos acontecimentos cotidianos. O medo da pandemia, das causas do que atualmente estamos vivendo, do fechamento das aulas, da nova realidade virtual leva esse sentimento no meio das águas desconhecidas. Ninguém sabe como proceder, ninguém tem as respostas certas, ninguém tem a experiência de como atuar nesta nova realidade.

2.1 ONDE ESTÁ DEUS?

A pandemia é causa de incertezas e dúvidas: quando será possível voltar, quando vai acontecer o retorno desejado, quando vai acabar toda essa situação que provoca estresse na sociedade. O medo não para. A situação é similar quando alguém afunda nas águas desconhecidas. Para os jovens, ficar afastados de seus colegas, das escolas, das oportunidades que oferece a educação é um problema complexo. Na Colômbia, um país com mais de 50 milhões de pessoas, até o mês de agosto de 2020 foram mais de 102 mil estudantes que deixaram os estudos nas escolas. “O que está me custando mais é estar sobrecarregado com tarefas de casa e não poder ver meus colegas”. (CALLE; PEDRAZA, 2021). No interior, os estudantes camponeses são os mais afetados, eles estão deixando os cadernos pelo trabalho.

Sem dispositivos, sem conectividade, sem apoio do governo, sem as explicações dos professores o sucesso para esses jovens foi bloqueado. O fechamento de lojas e comércios elevou a taxa de desemprego. Hoje em dia fica difícil para uma família de escassos recursos se manter. A situação é insustentável. As ajudas não são suficientes e as crianças estão procurando emprego para tentar ajudar em casa. Para quem goza da possibilidade de estudar em casa a situação é difícil. As taxas de violência intrafamiliar também têm aumentado. Os jovens estão estressados com toda essa situação. A vida está afundando e a pergunta de muitas pessoas é: onde está Deus?

Essa pergunta existe nas Escrituras e é a descrição da necessidade humana. Jürgen Moltmann (1975) indaga pela presença de Deus nas situações complexas evoca o exemplo da situação de Jesus na morte na cruz. Existe um esquecimento de Deus com a humanidade? Por que permite Deus o sofrimento humano? O ser humano vive momentos nos quais se sente afundar. As águas pertencem a essa realidade de desconcerto: no começo do Gênesis Deus separa as águas da cima e de baixo; Deus limpa o mal da Terra com o dilúvio; na libertação do Egito os judeus apresentam inseguranças ao ter que cruzar o mar Vermelho e duvidam. Jonas afunda no mar tormentoso quando foge da vontade de Deus. Pedro fica assustado quando vê se aproximar Jesus caminhando sob as águas.

As águas fazem sentir a fragilidade humana. Zygmunt Baumann (2011) contempla como a nossa realidade é flutuante e passageira: o mundo não apresenta a solidez de outros tempos, as mudanças acontecem com alta velocidade. A sociedade não é estática, está em procura de novas possibilidades, não fica calada. Os avanços da informática, a possibilidade de se ligar (ou se desligar) com os outros, de criar opiniões, de mover massas ou criar conforto ou desconforto, de trazer problemas, oferecer soluções são quesitos que fortalecem essa visão de fluidez no mundo atual. Deus parece afastado dessa nova realidade. A Igreja continua morando na idade meia e parece ficar obsoleto às necessidades da sociedade.

2.2 O SENTIDO DA FÉ

Em meio às tribulações, o homem sente-se desfalecer; a queda faz parte da vida humana na qual a pessoa vive essa situação de ficar sem chão, de não ter sentido. As escrituras mostram de diferentes jeitos essa condição da fraqueza humana. Os judeus no Egito perderam o sentido da vida na escravidão, não tinham essa esperança de sair. Era como se as suas vidas estivessem destinadas à fatalidade da morte. Deus, por meio de Moisés, fez o chamado para libertar um povo que estava perdido e esgotado. Cruzar o mar Vermelho é o grande sinal do amor de Deus que deseja a libertação da humanidade. (Ex 13, 17-18). “A dor pode nos levar para uma crise séria, mas também pode ser uma oportunidade para iniciar um processo de maturação e melhoria” (RAMOS, 2018, p. 38).

Com certeza, deixar os velhos caminhos é uma exigência para a humanidade que precisa se abrir ao novo sentido da novidade. A parábola dos ossos secos no livro de Ezequiel (37, 1-14) expõe a tristeza de um povo que perdeu a esperança e que é chamado a se fortalecer para continuar a vida: “Na vivificação dos ossos áridos por meio da “respiração” e da “palavra” podemos ler, sem dúvida, a ação transcendente do Criador, para quem tudo é possível” (SAVOCA, 1992, p. 160). O chamado para o povo nos tempos de Ezequiel é sério, não existem motivos para se deixar derrubar pelos infortúnios da vida. Portanto, é preciso acordar e seguir adiante. Mas, como superar a dor que geram os acontecimentos da vida? Ninguém estava preparado para a situação de pandemia.

Sair da escravidão à Terra Prometida, passar pelas águas, recompor os ossos secos, cruzar o deserto, confrontar as dificuldades, superar as doenças, romper as correntes, procurar um novo destino, gerar esperança, receber uma nova oportunidade só é possível pela ação salvífica do Espírito e a total confiança nele por causa da fé. A fé acontece naqueles que têm a disposição de permitir que o Espírito de Deus faça neles seu projeto de salvação. “Para superar a tristeza que nos deixa uma dor significativa na vida, é essencial encontrar um significado, quer dizer, encontrar alguma explicação para sua origem, mas acima de tudo, para o valor positivo que ele pode ter em nossa vida” (RAMOS, 2018, p. 97). A fé dá o sentido necessário para superar o medo à dor e à morte.

O sentido que o Espírito insufla consiste na superação das dificuldades para achar na vontade de Deus a esperança de que a vida supera qualquer problema. “Deus não só criou o

mundo e o fez cenário de sua salvação; não só criou o ser humano e o transformou num dos principais protagonistas dela, mas quis também se comunicar a esse ser humano mais plenamente para lhe tornar mais acessível e compreensível a salvação” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 30). Então o sentido da fé é dar a força para lutar, para sair, para trabalhar, para criar oportunidades, mesmo quando tudo parece escuro e sem sentido. Deus com a criação põe a principal carta para a vida.

Uma das situações mais constrangedoras tem sido ficar em casa. O encerramento em casa entristeceu muitas pessoas. Quando as ruas se transformaram em desertos, quando dava medo sair porque a ordem foi ficar em casa, muita gente ficou em desespero, tensa, com medo. A situação de viver com medo ao contágio se tornou latente. As imagens dos jornais ao redor do mundo inteiro eram assustadoras. Ninguém imaginava olhar as ruas de Nova Iorque, Paris ou Madri apagadas, desligadas, sem vida, sem movimentação. Mas a vida deve acontecer e acontece na ação humana que procura achar o sentido da vida mesma. Deus se apresenta na esperança da vida, eis aí o sentido da fé que é no sucesso cotidiano.

3. DESAFIOS DOS PROFESSORES E CATEQUISTAS

As mudanças vividas na pandemia tornaram-se um desafio para professores e catequistas. Daqui surgem muitas perguntas: como continuar o ensino dos estudantes? Como engajar às crianças na experiência da fé? Como fornecer encontros que sejam autênticas mostras do amor de Deus para os novos? Como manter esse gosto pelo amor de Deus vivido e sentido na vivência sacramental? Conseguirão os encontros virtuais manter o sentido dos encontros presenciais? “A realidade de Deus põe em confronto os homens com a realidade do ser humano” (WERBICK, 2018, p. 20). Essas dúvidas e mais outras foram motivos de inquietações e questionamentos nos professores e catequistas que precisaram se adaptar a uma nova realidade.

Depois de mais um ano professores e catequistas adquiriram uma experiência extraordinária enquanto, para muitos, novos e maiores, foi necessário aprender desde como ligar um laptop, uma tablet ou até mesmo um smartphone para ficar ligado com os encontros; como programar os encontros virtuais, como ligar a câmara, o microfone o partilhar a tela. E mais ainda porque se viveu essa terrível sensação de frustração quando o Internet se deliga, quando fica impossível falar com os outros, fazer bate-papo como antes, abraçar, brincar ou sentir os outros do mesmo jeito que acontecia nos anos retrasados.

Ficar em casa dá muitas perguntas e necessidades. Muitos estudantes vivem momentos de depressão, ansiedade, incertezas diante do futuro. Tem sentido viver assim? Quando vai acontecer o fim de tudo isso? Quando será possível voltar às aulas? Será possível voltar? Além das perguntas que encerram a nova realidade está também a questão apocalíptica e do final dos tempos. Nas redes sociais acrescentou-se a desinformação que anuncia o final da vida e que falam de muitas pessoas morrendo, catástrofes, doenças, males que são causa da atuação errada de homens e mulheres, dos comportamentos pecaminosos, homossexuais e nojentos

de nossa sociedade. Nestas visões a maldade aparece como ganhadora e Deus só pode se afastar e ficar observando a triste realidade.

3.1 MANTER O FOGO VIVO

Diante desse panorama de novidade, medo e angústia, dessa nova realidade de ficar em casa isolado, afastado dos outros, dos encontros e desencontros virtuais vem a pergunta de como começar de novo, como atuar e como abrir mão ao fato de cuidar a saúde própria e dos achegados. Mesmo desolador a pandemia não é o fim da existência. Mas, então, se a pandemia não é o fim da vida, com certeza é o começo de uma nova etapa na vida. O quesito é como acontece essa transformação e só é possível no Espírito. Nesses tempos de incertezas, professores, catequistas, jovens e crianças sentiram a necessidade de se voltar a Deus.

O Espírito de Deus nunca abandonou o ser humano, ao contrário, Ele se fez presente no meio do povo ansioso de respostas. Ele estava aí, sempre ficou conosco; na nova realidade, na dor da doença e da morte o Espírito se fez presente em pessoas que tentavam iluminar a caminhada. “Diremos que uma pessoa “tem muito espírito” quando se nota nela a presença e a força de algumas motivações profundas, de uma paixão que a arrasta, de um fogo que a põe em ebulição, ou de uma riqueza interior que a faz transbordar.” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 23). Desde as criancinhas mais novas até professores e catequistas mais experimentados sentem a necessidade de manter o Fogo vivo porque tem essa motivação de puxar a realidade.

Ninguém podia dar resposta certa ao que, mesmo ainda agora, está acontecendo com toda essa realidade de dor, sofrimento, incerteza, aflição e morte; não obstante, o Espírito de Deus sempre tem estado aí, no meio do povo acompanhando as dores e as necessidades das pessoas. Nos novos encontros virtuais aconteceu que estudantes pediram fazer preces e orações pelas necessidades, pela saúde e em solidariedade com as famílias sofredoras. O jeito de dar as aulas mudou, professores, catequistas e estudantes trocaram aulas por telas e a nova realidade abriu mão da tecnologia e os avanços da cibernética, mas o sentido de conhecer a Deus ainda continua vivo em cada pessoa que encontra sentido à Palavra de Deus.

3.2 SEMEAR ESPERANÇA

A tarefa de se aproximar a Deus não é fácil embora a tecnologia forneça novas possibilidades de manter ligadas as comunidades. O tempo da pandemia tem apresentado muitas situações dolorosas e perturbadoras para muitas pessoas ao redor do mundo inteiro, agora a tarefa não muda, o catequista é uma liderança chamada a iluminar a vida dos fiéis. A sua tarefa não é fácil considerando-se o sofrimento de tantas pessoas e povoados inteiros. Manter aceso o Fogo do Espírito de Deus significa renunciar às incertezas da vida para deixar o Senhor agir nos corações e semear esperança além das dificuldades que acontecem nesta nova cotidianidade.

A estratégia de professores e catequistas não se limita ao estrito conhecimento dos dogmas da Igreja, da leitura de textos versados ou das estratégias do ensinamento virtual, porque, mesmo sem desconhecer a importância destas questões na formação docente e catequética o sentido que deve permanecer na formação da fé é a constante procura da vontade de Deus. O professor que ensina religião e o catequista que lidera uma turma de crianças e jovens tem como alvo transmitir a experiência do amor de Deus tão necessária nestes tempos de mudanças. Não é questão de falar de Deus, é questão de mostra-o além das incertezas; é questão de permitir que a esperança floresça nos corações das crianças e as suas famílias.

CONCLUSÃO

A tarefa do professor e do catequista consiste em atender o chamado de Deus que procura a salvação da humanidade. Se a atual situação de pandemia trouxe incerteza, dor, sofrimento e morte para muitas pessoas, o catequista tem a tarefa de aproximar o Fogo do Espírito Santo às crianças e jovens que precisam da formação na fé. Mesmo com as dificuldades que supõe viver num tempo líquido, transbordante de mudanças, muitas das quais parecem ser negativas e devastadoras, como se o final dos tempos estivesse próximo; a verdade é que só Deus conhece os seus desígnios. Por enquanto, o ser humano está chamado a manter a esperança e a tarefa do catequista é continuar semeando esperança nos corações das novas gerações.

Para além do fato que os encontros sejam virtuais ou presenciais; embora exista a última tecnologia e conectividade, ou mesmo nos espaços mais limitados e empobrecidos, o catequista é uma pessoa chamada a ser testemunha da vida e do amor de Deus e sua tarefa permanece vital porque Deus precisa homens e mulheres dispostos a fazer o anúncio, mesmo que a sociedade sinta o colapso das estruturas vitais. A esperança atua no povo que abre seus sentidos à ação de Deus e permite que essa experiência seja transmitida às novas gerações, porque o catequista se assemelha ao semeador que joga a semente com alegria no campo e aguarda que o dono possa colher posteriormente os frutos dessas sementes.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CALLE, Helena; PEDRAZA, Natália. “Queremos estudiar, pero no así: niñez en la virtualidad”. *El Espectador*. 2021. Disponível em > <https://www.elespectador.com/educacion/queremos-estudiar-pero-no-asi-ninez-en-la-virtualidad-article/> . Acesso em: 12 abr. 2021
- CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MOLTMANN, Jürgen. *El Dios crucificado*. Salamanca: Sígueme, 1975.
- RAMOS, Néstor Alejandro. *Job y el sentido del sufrimiento*. Mar del Plata: Universidad Fasta Ediciones, 2018.

SAVOCA, Gaetano. *El libro de Ezequiel*. Barcelona: Herder, 1992.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

TORRALBA Roselló, Francesc. *Antropología del cuidar*. Madrid: Lormo, 1998.

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem - A visão do Papa Francisco sobre Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2018.